

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
NÚCLEO TEMÁTICO MULHER E CIDADANIA
ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

JANEIDE LOPES SILVA

RACISMO E ETNICIDADE: AVALIAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
DOS/AS ALUNOS/AS NA ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR LUIZ
CAVALCANTE

Arapiraca – AL

2016

JANEIDE LOPES SILVA

**RACISMO E ETNICIDADE: AVALIAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
DOS/AS ALUNOS/AS NA ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR LUIZ
CAVALCANTE**

Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, *Campus Arapiraca*.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elvira Simões Barretto.

Arapiraca – AL

2016

JANEIDE LOPES SILVA

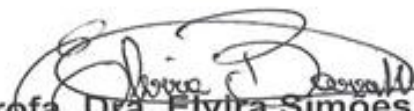
**RACISMO E ETNICIDADE: AVALIAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
DOS/AS ALUNOS/AS NA ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR LUIZ
CAVALCANTE**

Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, *Campus Arapiraca*.

Data de Aprovação: 10/12/2016

Banca Examinadora

Elvira Simões Barretto
Coord. NTMC
SIAPE: 1121158



Profa. Dra. Elvira Simões Barretto

**Coordenadora Geral do Curso de Gênero e Diversidade na Escola
GDE/UFAL**

Prof.^a Dr.^a Elvira Simões Barretto
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus A. C. Simões
Orientadora

RACISMO E ETNICIDADE: AVALIAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICOS-RACIAIS DOS/AS ALUNOS/AS NA ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR LUIZ CAVALCANTE

Janeide Lopes Silva¹
Elvira Simões Barretto²

RESUMO

O racismo é uma das maiores problemáticas da atualidade, nas escolas o aumento de casos de bullying e preconceito por conta da cor, raça, religião ou etnia é preocupante. Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo avaliar como se dá as relações étnicos-raciais dos/as alunos/as em uma escola pública em Lagoa da Canoa- AL, para isso foram realizadas entrevistas com alunos/as e professores/as e também observação do cotidiano dos/as alunos/as em sala de aula e no recreio. Foi possível constatar que, casos de racismo estão presentes no cotidiano dos/as alunos, /as e esses casos afetam-os negativamente, também foi identificado que os/as professores/as não possuem preparo para lidar com isso em sala de aula.

Palavras chave: Racismo, Preconceito, Educação, Antirracismo, Etnia.

ABSTRACT

Racism is one of the biggest problems today, in schools the increase in cases of bullying and prejudice on account of color, race, religion or ethnicity is worrying. Thus, this study aims to assess how is the ethnic -racial relations of students in a public school in Lagoa da Canoa- AL for that interviews were conducted with students and teachers and also observation of students daily in room class and on the playground. It was found that racism cases are present in the daily lives of students, and these cases affect them negatively, it was also identified that teachers have no preparation to handle it in the classroom .

Keywords: Racism, Prejudice, education, anti-racism, Ethnicity.

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA

²Mestra em Serviço Social – UFPE; Doutora em Periodismo y Ciencia de la Comunicación – UAB, Espanha; Especializada em Estudios Avanzados em Periodismo – UAB, Espanha.

1 INTRODUÇÃO

Uma das maiores riquezas do Brasil é a sua diversidade, por ser um país com diferentes culturas faz-se necessário que seja respeitada e preservada essas diferenças. Porém, a história do Brasil mostra que essa não foi a realidade do país durante muitos anos, e ainda não há é de forma plena.

Muitos estudos têm denunciado como as culturas brancas se impuseram no país, assim como as consequências nefastas que o eurocentrismo vem produzindo nas diversas áreas, com destaque para aqueles realizados por educadores/as e pesquisadores/as que se voltam para o papel da educação na transmissão e sedimentação de valores que contrariam nossa formação histórica, na qual pessoas negras precisaram “embranquecer”, esta mais uma forma de resistir, para não sucumbir à violência racial. (CÉSAR; LIMA, p. 11, 2005)

O eurocentrismo disseminado em todo país através dos anos impactou de forma negativa na construção da tolerância com o outro, desta forma a realidade presenciada hoje é fruto desse eurocentrismo tão presente principalmente após a abolição da escravatura.

Violência, intolerância contra as diferenças são realidades no ambiente escolar, preconceito e discriminação de raça, cor, religião são problemas que ainda estão presentes na vida dos alunos, essas práticas devem ser observadas e excluídas da vida dessas crianças e adolescente.

César e Lima (2005) ressaltam como se manifesta o racismo na escola:

Merendeira que discrimina o menino negro. Mães negras que são mal recebidas na escola A diferença no tratamento dado pelo porteiro ao aluno negro/a em relação ao branco/a. Crianças de dois ou três anos que recusam a pegar na mão de um/a coleguinha, porque é uma criança negra. Professoras e diretoras que acham que crianças negras são sujas e que só com elas é preciso trabalhar higiene na escola. A rainha do milho, que crianças negras nunca são chamadas a representar. As representações de família e da cultura da criança no livro didático, que nunca contemplam a configuração da família e da cultura do negro. A dificuldade de elogiar as crianças negras durante a avaliação das atividades escolares. (CÉSAR; LIMA, p. 11, 2005)

É importante salientar que, o comportamento do/a professor/a e dos/as funcionários/as que convivem com as crianças são de grande importância para conseguir uma mudança nessa realidade.

César e Lima (2005):

Em relação à escola, é preciso ter em conta que tudo aquilo que é negado na formação cultural do Brasil também é negado na escola brasileira, instituição social encarregada de apresentar, transmitir, disseminar e difundir a cultura hegemônica. Neste sentido, a escola difunde valores e ideias, no seu suposto papel de introduzir e formar alunos na “*cultura letrada*” que, por razões diversas, coincide com as ideias e valores de uma camada que detém o acesso e possui trânsito facilitado nesta cultura, perpetuando-se a segregação entre os que podem e os que não podem estudar, ler, escrever, “*pensar*” o país. (CÉSAR; LIMA, p. 18, 2005).

Logo, de acordo com os autores a escola repete tudo aquilo que é negado também na formação cultural do Brasil, contribuindo assim para que seja preservado o eurocentrismo também nas escolas, e fazendo com que alunos negros ou de outras origens não se reconheçam na história que aprendem.

Desse modo, a partir dessa realidade observada o presente artigo tem por objetivo avaliar as relações étnico-raciais dos/as alunos/as na Escola Governador Luiz Cavalcante, observando o comportamento destes e destas em sala de aula e no recreio, entrevistando professores e funcionários da escola e propor sugestões de práticas pedagógicas que contemplem uma educação antirracista.

2 MATERIAL E METODOLOGIA

Essa pesquisa se caracteriza como exploratória com estudo de caso. A pesquisa exploratória de acordo com Gil (2002, p. 41) tem como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.” Ou seja, esse trabalho tem como foco tornar evidente a relações étnico-raciais entre os alunos, logo, também é possível caracterizá-la como estudo de caso, pois de acordo com Gil (2002, p. 54) “O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais, consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.”. Ou seja, nosso objeto de estudo são os alunos da Escola Municipal Governador Luiz Cavalcante.

Gil (2002, p. 41) destaca que geralmente pesquisas de caráter exploratório envolvem: “levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas

com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que ‘estimulem a compreensão’”. Desta forma, esse trabalho não foi desenvolvido de forma diferente, por isso, para o desenvolvimento da pesquisa fez-se necessário também entrevistar alunos e professores.

A pesquisa bibliográfica é fundamental para o desenvolvimento desse trabalho, pois, de acordo com Gil (2002):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. (GIL, 2002, p. 44)

Logo, para confecção de trabalho foi escolhida para a pesquisa, a Escola Municipal Governador Luiz Cavalcante, em Lagoa da Canoa /AL, Que oferece apenas o ensino fundamental I e II, tendo aproximadamente 350 alunos devidamente matriculados em seus três turnos de funcionamento. O estudo foi realizado com 15 professores das séries regulares da referida escola. Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista, por entender que este método é o mais adequado para a obtenção de bons resultados e fidelidade nos questionamentos. Esta é uma forma de interação social bastante eficaz, onde o entrevistado expõe suas experiências, levando em consideração a temática abordada pelo entrevistador, ficando a vontade para relatar as suas opiniões, de forma livre e espontânea. Tendo em vista que a entrevista privilegia a fala dos indivíduos, para, a partir desse contexto, obter as informações necessárias para o corpo da pesquisa. Esse tipo de método de pesquisa permite ao entrevistador um maior contato com o entrevistado, e oportuniza a livre expressão do pensamento, de forma que possam ficar bastante à vontade e confortável para responder aos questionamentos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto as entrevistas, perguntando aos professores como era a dinâmica de relacionamento em sala e no recreio entre os/as alunos/as, notou-se que para 52,20% a dinâmica de relacionamento entre os alunos é considerada razoável, pois segundo os entrevistados pode ser notado em sala de aula e no recreio que alguns alunos não são incluídos nas conversas e brincadeira em grupo, para 19,40% a dinâmica de relacionamento entre os alunos é considerada ruim, os professores citaram que existem muitas brigas e

discussões entre os alunos, já para 28,43% o relacionamento dos alunos é considerado bom. A partir destes dados constata-se que para maioria dos professores o a dinâmica de relacionamento entre os alunos é considerada razoável.

Questionados se já presenciaram alguma situação de racismo entre os alunos, 55,43% responderam que sim, um dos professores disse que não é incomum alunos serem apelidados de “neguinho”, “pretinho” e em alguns casos até de “macaco de circo”. 30,07% disseram que nunca presenciaram nenhuma situação semelhante, 14,01% alegam que não se lembram de nenhuma situação semelhante. Esses dados demonstram que, situações de racismo são uma realidade entre os alunos.

Quando perguntado sobre quais as providências que eram tomadas em relação aos alunos, quando essas situações ocorriam, 55% responderam que conversavam com os alunos e informava a diretoria, 30% disseram que mandava comunicado aos pais e 15% disseram que deixavam sem recreio.

Porém, os próprios entrevistados e entrevistadas admitiam que essas ações não surtiavam os efeitos esperados, pois, os alunos responsáveis pela situação voltavam a repetir as mesmas ações, e conseqüentemente com os mesmos colegas das vezes anteriores, deixando evidente que essas ações não conseguiam resolver a situação.

Foi questionado aos/as professores/as se em sala de aula era trabalhado um conteúdo pedagógico que possuísse fundamentos de educação antirracista, 61% dos entrevistados afirmaram que não, 10% disseram que trabalham sobre o tema no dia da consciência negra, 8% afirmaram que não sabiam responder, 21% optaram por não responder.

Sobre os motivos de não trabalhar esse conteúdo em sala de aula 45% dos entrevistados responderam que não estavam capacitados para isso, 9% alegaram que não tinha material disponível e 12% afirmam que o principal motivo é que não há espaço na grade curricular, e 24% não quiseram responder.

Nas entrevistas com os alunos, foi perguntado se eles já tinham sofrido algum preconceito racista por parte dos colegas, e a partir dos dados coletados, percebeu-se que 50% dos entrevistados não souberam responder a pergunta, enquanto 49% disseram que sim e apenas 1% disseram que não.

Dos que disseram sim, foi questionado de que forma a situação que eles passaram os tinham afetados, 25% dos entrevistados afirmaram que ficaram envergonhados com a situação, 16% alegaram que não se importaram, 15% afirmaram que ficaram triste, 13% disseram que não queriam voltar a escola, 11% alegaram que tinham provocado a situação,

10% disseram que era normal situações como aquela e outros 10% não quiseram responder. Esses dados revelam que essas situações afetam negativamente os alunos, a ponto de alguns não quererem voltar na escola.

Questionados (as) se já haviam presenciado algum caso de racismo entre os e as colegas, constatou-se que 83%, a grande maioria dos disseram que sim e 17% disseram que não. É interessante ressaltar que, apenas 17% dos alunos não presenciaram casos de racismo e dos 83% que presenciaram apenas 15% disseram ter tomado alguma iniciativa, os outros 68% disseram que não fizeram nada.

Foi perguntado aos alunos se eles gostariam de mudar alguma coisa fisicamente em si mesmos, 37% responderam que não gostariam de mudar nada, 35% disseram que gostariam de terem cabelos lisos (todas eram meninas), 18% disseram que queriam ter nascido com o tom da pele mais claro e 10% disseram que queriam ser mais magros (as).

Esses resultados levam-nos a refletir que, 63% dos alunos e das alunas entrevistadas não estão satisfeitos consigo mesmo, e o mais preocupante é que 53% estão insatisfeitos com a própria cor da pele e com o tipo de cabelo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo avaliar as relações étnico-raciais entre os/as alunos/as da Escola Municipal Governador Luiz Cavalcante, para que isso fosse possível fez-se necessária uma discussão teórica sobre o racismo e étnica na escola.

Na pesquisa ficou evidente que as relações étnico-raciais entre os/as alunos/as têm apresentado conflitos e situações de preconceito racial, devido a cor da pele, classe social e religião. E como ressalta Oliveira:

A discriminação racial cometida aos/as alunos/as negros/as gera violência de ordem simbólica que afeta o ser negro em sua subjetividade, causando-lhe constrangimento, no momento em que é demonstrado de forma perversa o desrespeito que o negro/a vivencia desde a sua infância até a fase adulta ou pela invisibilidade da história e da figura negra no livro didático, na escola, na igreja, na mídia e na sociedade em geral. (OLIVEIRA, p. 06, S/D)

Ou seja, todas essas situações que são vivenciadas por esses alunos e alunas podem afeta-los ou afeta-las também futuramente, trazendo prejuízos em sua vida social e particular.

Os resultados das entrevistas deixaram evidente a deficiência na capacitação desses professores para lidar com situações como esta, para que essa realidade seja mudada faz-se necessário um trabalho conjunto entre escola e família, como também a capacitação desses professores em uma educação antirracista que possibilitem a esses profissionais atuarem de forma mais eficiente contra essa realidade.

Uma educação antirracista é um dos caminhos para que sejam sanados esses problemas tendo em vista que é através da educação que é possível transformar pessoas. É importante ressaltar que, a educação antirracista além de intervir pedagogicamente e politicamente a educação antirracista é fundamental para que o estudante torna-se tolerante não apenas no ambiente escolar, mas também ao viver em sociedade.

Logo, é possível considerar que uma educação antirracista que defenda e valorize a diversidade, de forma que seja disseminada a cultura da tolerância e de respeito ao próximo é essencial para que possamos mudar a realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

CÉSAR, A.; LIMA, N. **Diversidade étnico-racial e cultura negra na escola**. Ministério da Educação. 2005-2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed., São Paulo – Atlas, 2002.

OLIVEIRA, M. A. B. de; **Educação Antirracista: viver a diversidade na escola, como uma forma emancipatória de vida dos/as cidadãos/ãs, como sujeitos de direitos**. Gênero e diversidade na escola. Universidade Federal de Alagoas.